

Um poeta: Edmond Jabès



MONIQUE RODRIGUES BALBUENA

Nada além de uma notinha de dezessete linhas num jornal paulista anunciou, no dia 4 de janeiro deste ano, a morte de Edmond Jabès, ocorrida dois dias antes. Praticamente desconhecido no Brasil, este poeta judeu, nascido em 1912, no Cairo, possui uma vasta obra – com pelo menos dezenove títulos e um último livro ainda no prelo, a ser lançado postumamente – e já recebeu, em 1987, o Grande Prêmio Nacional de Poesia na França, país que adotou após seu exílio, em 1957.

Apesar disso, não se pode afirmar que E. Jabès seja um nome facilmente identificável mesmo na França em que viveu e produziu por mais de três décadas. No Brasil, ironicamente, temos disponível desde 1971 o livro *A escritura e a diferença*, de Derrida, onde é discutida a obra de Jabès, a qual, vinte anos depois, permanece ignorada. Pois, com exceção de uma entrevista divulgada há poucos meses num volume editado pela Ática (*Entrevistas do Le Monde – Literaturas*), ele é um autor ainda inédito. Tal lacuna é grave e injustificável, e ainda mais grave se torna com o fato de seus livros não constarem do acervo da maioria das bibliotecas – inclusive das de instituições de ensino do francês – e raramente freqüentarem as estantes das boas livrarias e importadoras.

Enquanto esperamos que tal situação se reverta, resta-nos a oportunidade de, nesta justa homenagem, apresentar uma pequena seleção de seus textos e, assim, colaborar na difusão das universais questões e obsessões jabesianas.

■ ■ ■

Tomada em conjunto, a obra de Jabès apresenta dois momentos bem demarcados, quais sejam, o seu livro de estréia, *Je bâtis ma demeure* (lançado em 1959 pela Gallimard e reeditado em 1989 sob o título de *Le Seuil, le Sable*, com a inclusão de sua produção poética no período de 1974 a 1988), e o ciclo iniciado com o primeiro tomo do *Le Livre des Questions*, que fatalmente terá fim com o inédito *Le Livre de l'Hospitalité*.

Os cinco poemas iniciais ora apresentados fazem parte de *Je bâtis ma demeure* e neles podemos encontrar amostras significativas daquilo que predominaria em sua produção primeira: o gosto pela metáfora e pela melodia, pela sucessão insistente de inesperadas imagens. Nitidamente influenciada pela leitura e o convívio com Max Jacob e os surrealistas, sua estréia em poesia não deixa de esboçar pontos que se constituiriam mais tarde na linha mestra de seu grande projeto. Além das perguntas e aforismas que dominariam sua obra desde o primeiro *Le Livre des Questions*, já aí encontramos seu fascínio pelo deserto, pela água e pelas palavras que, desdobrando-se a partir de suas próprias virtualidades, induzem-no a questionar as possibilidades da escritura, sentida desde então como uma tensão permanente entre a vida e a morte.

Mas há também neste volume o Jabès das “Chansons”; do tom, do ritmo e das rimas das canções infantis que tentam, com amarga alegria, espantar a dor da guerra. Desta parte do livro, intitulada “Chansons pour le repas de l’ogre”, selecionamos dois poemas

MONIQUE RODRIGUES BALBUENA é mestranda em Literatura Comparada na UFRJ e vice-presidente do Círculo de Investigação Poética do Rio de Janeiro (Cimpo-RJ).

H
O
M
E
N
A
G
E
M

bastante distintos: “Canção para o retorno das andorinhas” e “Canção do estrangeiro”.

Os dois últimos textos fazem parte de *Aely*, sexto e penúltimo tomo do *Le Livre des Questions*. A partir desta série Jabès se distancia da tradição literária francesa e assume uma dicção própria e característica, mais próxima à tradição judaica, onde a questão da identidade, da memória, do exílio e da criação se torna o centro de sua reflexão. Jabès discute o livro. O livro enquanto identidade do judeu, enquanto a única morada possível, enquanto a força da tinta contra o silêncio eterno. O livro como sobrevivência, ainda que impregnada de morte, e como a resposta necessária às perguntas formuladas pelo Livro único, a *Bíblia*, transformada assim, necessariamente, num grande livro matricial.

Decididamente marcado pelos aforismas e perguntas, *Le Livre des Questions* apresenta um eixo narrativo bastante tênue e, com uma linguagem eminentemente poética, ele se faz inclassificável – híbrido ou limítrofe. “Contando” a história de personagens como Sarah e Yukel, Yaël ou Elya, a narrativa serve, principalmente, para garantir a continuidade do diálogo; para que, de forma bem otimista, sempre se reproponha a questão.

Aos textos de Jabès segue um trabalho de minha autoria sobre sua obra, apresentado na sessão de comunicações da I Semana de Estudos Franceses e Francófonos, realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro em setembro de 1990.

Seleção de poemas

Tradução de MONIQUE BALBUENA

A água do poço

Abre a água do poço.
Dá à sede um momento
de repouso; à mão
a chance de salvar.

•

Noite de cêlios. Ser visto.
O objeto luz para a mão.
Rumor rumina rumor.
A água cinge a memória.

•

O término. O pré-mundo.
Afastado o temor.
A aventura é fiel
ao dobre – sonho em chamas.

•

Eu sou. Eu fui. Junção,
longa fila de feras.
Vejo, *verei*. Confiança
da árvore no fruto.

•

Dias de giz. As ardósias
palpitar de primícias.
Palavra mais que signo.
Paisagem mais que tinta.

•

Caminhos. O infinito.
A dádiva do rosto.
Às estações, as rugas.
Ao solo, os grandes rios.

(JBD, 1955)

Ausência de lugar

I

Terreno vago, página obsedada.

Uma morada é uma longa insônia
no caminho encapuzado das minas.

Meus dias são dias de raízes,
são jugo de amor celebrado.

O céu ainda está por cruzar e
o terraço por se nutrir de novas noites.

O luto do meu caminhar forma um
enclave na claridade opaca das paredes.

A terra se banha em
vãs visões de viagem.

II

Eu desmonto uma paciente
relojoaria para oráculos.

III

Dançarinas que sonhais serdes as irmãs da aurora,
valsai no esquecimento do milagre com a roda das vestes
ensolaradas.

O caminho não perdoa aquele que
o abandona. O avaro não tem aliados.

IV

(Mas a hora está por nascer, a hora limítrofe quando o
falcão das areias reinará sobre inúmeras pupilas
apavoradas.)

V

Que voto de eternidade mantém o homem ao longe das obras ainda desperto?

VI

Terra de além-noite que o sol arranca da
meditação e dos espinhos da dúvida.

A flor exhibe um candor travesso. A haste segue
o rastro das grandes aventureiras do espaço.

O mel escorre entre as pedras
que o cimento vai unir.



VII

Ao redor dos galhos, o mundo imita sua fome.
Tantos gritos por uma árvore, deusa perfumada por
plantar, por comover com uma ronda mágica.

Já se arregimentou o
sumo. O cerne não tem mais preço.

Meus segredos são vergéis.
O mistério não tem malícia.

Meu amor, uma rosa nos cabelos,
a mensagem do homem e da terra.

(JBD, 1956)

Canção para o retorno das andorinhas

Se eu pegasse teus braços
E os cortasse em quatro
Terias tantos braços
como se fosses quatro

Reis
quatro
Rainhas
quatro
leis

e quatro
linhas

Se eu pegasse tua boca
E a cortasse em quatro
Terias tantas bocas
como se fosses quatro

Lagos
e quatro
luas
quatro afagos
e quatro
ruas

Se eu pegasse teu coração
E o cortasse em quatro
Terias tantos corações
como se quebrasses quatro

Bilhas
E quatro
Fundos
Quatro quilhas
E quatro
Mundos.

(JBD, 1943-45)



Canção do estrangeiro

Faz tempo que estou atrás
de um homem que não conheço
que jamais foi tanto eu mesmo
como desde que o procuro.
Tem meus olhos, minhas mãos
e pensamentos iguais
aos destroços destes tempos?
Estação dos mil naufrágios,
o mar já não é o mar
mas gélida água das tumbas.
Mais longe, talvez, mais longe?
Uma menina canta em marcha-ré
e reina a noite nas árvores,
pastora em meio ao rebanho.
O grão de sal livrai da sede
que bebida alguma sacia.
Com as pedras, um mundo se corrói
por ser, como eu, de lugar nenhum.

(JBD, 1943-45)



Portas de socorro (excerto)

Ao redor de uma palavra como ao redor de uma lâmpada. Impotente para escapar, condenado, inseto, a se deixar queimar. Jamais por uma idéia, mas por uma palavra. A idéia prega o poema ao solo, crucifica o poeta pelas asas. Trata-se, para viver, de encontrar novos sentidos para a palavra, de lhe propor outros mil, os mais estranhos, os mais audaciosos, de forma que, ofuscadas, suas chamas deixem de ser mortais. E sucedem-se vôos incessantes e quedas vertiginosas até o abate final.

(JBD, 1943-51)

Os comentários

1

- Eu sou o intervalo.
- O intervalo é hífen.

2

Às vezes é bom nos compararmos à planta. O que é ela sem raízes?
Romper nossos laços significaria, para nós também, perecer.
O mundo nos confirma que a alma nos habita/habita em nós.
O olho é duplo antes da mão.

3

Fazei de mim uma tocha viva para iluminar a noite. Fazei de mim a vida eloqüente do incêndio. Estou morto. E nunca podereis fazer mais do que polvilhar a terra com minhas cinzas.

Mortos-vivos. Os vivos se desculpam. Os mortos se desviam.
A pedra acusa.

Que o granito seja nosso Príncipe. A areia recolhe os louvores da areia.
O deserto foi nosso dado.

Mal jogado. Mal vindos. Mal idos. Mal amados.

O mal foi nosso mastro.

A ternura dos séculos dirigiu-se às trevas.
Negras são, por trás dos espelhos, as margens.

4

O céu só tem lágrimas para a água.
“As miríades de pupilas da noite, escrevera Sarah, em breve não serão mais que uma.
Oh, Yukel, o sol é a unidade reencontrada.
Secas todas as lágrimas.”
Nós somos judeus pelo olhar inflamado.

5

– A questão do livro é questão do caminho?
– A questão sempre precede a questão.
“... nossas mãos, Sarah, escrevera Yukel, contra o tempo, unidas ternamente uma à outra, onde não há repouso.”

6

Ontem, Sarah, o nada interrogava tua morte; hoje, contigo, interrogo o nada.
“O comentário, ele dizia, é o universo subjacente da questão.”
– Nós questionaremos o comentário.

Uma lágrima, e o olho se torna um ponto de interrogação.

(Aely, 1972)

Quinta abordagem do livro (J. H. W. H. ou o nome impronunciável)

1

(Falo sobre o judeu. Digo: JUDEU; mas é no vocábulo que penso primeiro, em cada palavra, na letra, no último signo que é um ponto, o centro irrigado do Nada – irrigado de tinta e de sangue – sobre o qual pesa com toda a sua carga de luz e de noite, o livro, e que o sustenta; astro minúsculo, uma estrela amarela. A representação mais marcante do infinito não está nas reticências, em três pequenas estrelas amarelas?)

Eu repito. O signo é judeu.

O vocábulo é judeu.

O livro é judeu.

O livro é feito de judeus;

porque o judeu, há milhares de anos, se quis signo, vocábulo, livro. Sua escritura é errância, suspeita, espera, confluência, ferida, êxodo, exílio, exílio, exílio.)

2

Ele dizia: “O nome de Deus é o nome perfeito. As letras que o divulgam indicariam seus limites, se estes fossem concebíveis”

3

Abolindo o Nome, Deus rompeu todos os seus laços, pois Ele sabia que cada nome é um nó indestrutível.

Há uma lei que rege a ausência do livro, é ela que o livro anuncia e à qual ele se refere para ser livro.

Lei na Lei revelada. Nós a lemos nas margens.

4

O judaísmo está sempre além do judaísmo; é a religião do ultrapassar a palavra, lá

onde ela é sua ausência e sua novidade austera, onde o rosto espera, na inquietude, o rosto.

O deserto conhece a fraqueza dos nomes pares.

5

Os olhos te abrem.

O livro diz a época de uma antiga semente e de uma separação que são as do fruto no grão.

O universo está sulcado de apelos e a palavra, ao nascer, ressoa de seu eco. Escrever consistiria então em responder primeiro a algumas vozes desconhecidas, em espiar continuamente uma voz que, no tempo, perfura, com seus esforços inúteis, o tempo.

Existência paralela, I

Sem dúvida, pra você, não tenho razão; mas não tenho sido, desde a infância, a presa fácil de minhas contradições?

Você me pergunta as minhas origens. Respondo que elas estão no livro; não onde Deus se afirma, mas sim onde Deus se retira na Palavra atingida pela surdez e pela cegueira.

Prefiro que Deus seja cego e surdo para perdoá-Lo por estes dois sentidos terríveis que são a audição e a vista. Assim, seríamos os únicos a ver, os únicos a ouvir por Deus.

O pecado original seria, antes de mais nada, culpa do Criador? Se não, onde estaria a origem? Teria Deus enganado Deus?

Trágico debate de uma consciência dada como exemplo que sabe que a pureza passa pela falta que ela condena.

A parte de inconsciência na criação é parte divina. Estamos ligados a Deus para além de todo conhecimento; para além do Bem e do Mal; isto é, para além do gesto indiscutível do Criador.

O ser de conhecimento é sacrificado ao universo? A maravilhosa unidade do ser na palavra se conclui com o último suspiro?

E então nada, nada mais que o fim de um instante que deixou de nos pertencer.

Somente abatido pode-se escrever? A escritura é essa força que nos joga à terra? Aprendi a rastejar com ela; mas quem virá me ajudar em meu exílio? Minha mão, cortada do mundo, voga em meu sangue.

“Sede santos porque Eu o sou”, diz Yahvé, ou seja: Pelo amor de Mim tornai-vos Eu mesmo na santidade. Além do mais, ele também não disse: “Sede diferentes dos outros povos assim como eu sou diferente dos outros deuses”?

Portanto, através de Deus, lá onde Ele se impõe como um Deus único, santidade e separação, santidade e distinção são sinônimos.

À imagem de Deus, o santo, como o escritor, é separado: separado no intervalo de signos constituídos – ou reconstituídos –, espaço sombrio que pontuam, de cá e de lá, os astros da paixão e da morte. O infinito se deixa conceber no afastamento em que nos confinam seus marcos. O amanhã vem do mais longínquo do nosso porvir, onde dormita nosso passado primeiro.

Será que o escritor se distingue pelo seu desejo de perpetrar uma missão de santidade na qual ele reconhece a voz de Deus, morto antes dele, em sua voz – como se ele morresse com Deus para ouvir Sua voz e logo desaparecer, na sua hora?

Porque, definitivamente, é contra o silêncio de Deus e do homem, contra a imantação remanente deste silêncio que a palavra se insurge; é sobre este silêncio, no âmago de todo silêncio interrompido para o



qual o escritor é progressivamente empurrado, que ela agoniza.

Então, escrever é perecer de uma palavra indissociável, próxima ao grão de areia, que a morte vai consagrar separando-a das outras?

A morte é santa, como santo é o nome proibido de Deus. Apagar-se, ser o seu próprio e declinável apagar, detentor de uma palavra que nenhuma página pode formular ou conter, mas sobre a qual se abate uma nuvem de palavras que nos restitui a seu segredo aniquilando-nos.

“... silêncio escorregadio se chocando contra seu próprio silêncio”, ele dizia.

Água que cingiu a letra e que o judeu se inclina para beber mas que, semelhante à água dos textos sagrados, jamais sacia a sede. Água pródiga que, ao escorrer, expande, como em eco, as estrofes do indefectível amor que preenche sua alma.

Por trás desta água, por trás deste canto recomeçado indefinidamente, a viagem começa. Folha sobre folha. Por trás desta água onde o deserto se estende, se inscreve a longa marcha de um povo sem esperança que a esperança guia; pois sua estranheza reside no fato de que ele é, a um só tempo, o povo mais pessimista e aquele que anima uma irredutível esperança.

Jamais – eu que não tenho crença, ou antes, cuja crença é uma interminável noite virgem – me senti tanto pertencer a este povo do Livro como no deserto, entre o Tudo e o Nada; neste Nada que aos poucos se apropria do Tudo, enfraquecendo-o. De lá partem nossas estradas sem termo que, no entanto, nos permitem terminar. Estradas sem fim onde cada pouso e cada pausa impostos pela fadiga e o desânimo são lindes na via conjugada da ciência ancestral. Lindes mais tarde transmutados em livro; permutados por cada página meditada do livro.

(...)

Os prolongamentos do livro se confundem com os de um pensamento dedicado à escritura. Deus é fonte do escrito. Pensamento que reconhece a primazia da Letra, que faz dela o fundamento de Sua contemporaneidade. O Templo representa a Letra a prumo? O Templo foi erguido no Livro. Assim Deus renunciou ao corpo pelo Livro, com cada letra.

(...)

(A chama oscilante da vela é, a cada sopro, uma de nossas vinte e duas letras exumadas. Ela recebe sua luz da morte.

Candelabro de sete velas, sete vezes a morte celebra na morte nossa sobrevida.)

Ler a lei é se ler; mas que leitura de si mesmo, através de Deus, pode ser única? Lemos as mesmas palavras e seu sentido nos divide para nos unir na solidão em que elas nos deixam.

Deus está a sós com o homem lá onde o homem está sem Deus.

(...sem Deus, ou seja, antes de Deus, antes do Homem, na sombra preservada em que se ilumina o livro.)

... Deus, Totalidade em devir somente para Ele previsível.

Ler a Lei é ler a morte.

(Aely, 1972)

Palavras soltas ao vento: o Livro no deserto

Edmond Jabès, poeta egípcio de língua francesa, publicava em 1959 um volume de poemas intitulado *Je bâtis ma demeure*. Em 1965, no volume III de seu *Le Livre des Questions*, lia-se então: “*Méfiez-vous des demeures. Elles ne sont pas toujours hospitalières*”. Ao longo dos outros quatro

volumes que compõem *LLQ* esvaem-se os vestígios de uma morada sólida e palpável: ela se desfaz em areia, areia que se revolve incessantemente, cambiante, metamorfoseante. Areia que, na sucessão ininterrupta de formas e deslocamentos, mantém, ao olhar que se lança à sua pálida infinitude no deserto, sempre a mesma imagem. No entanto, ela é outra. Para Jabès, a areia é a sua língua, o seu mundo, o seu ser. Da suspeita de ter uma morada ele passa à certeza de sua condição de errante, de exilado, de grão de areia que gira com o turbilhão do vento e é queimado pelo sol. Nada é fixo, nada é imutável. Tudo está pronto e, no entanto, tudo está se criando e, ainda, por ser criado. Em meio aos paradoxos, diante de um Ser que se define como perpétuo Vir-a-Ser, proliferam as interrogações e as buscas: instaura-se a obra de Jabès.

Em 1957 – data dos últimos poemas de *JBD* –, Edmond Jabès, por ser judeu, teve que deixar o Egito. Esta observação biográfica se faz importante na medida em que é a partir deste exílio que começa a sua obsessão pelo livro. Na França, nem a língua comum e nem mesmo a convivência prévia com a sua literatura foram suficientes para que Jabès se sentisse em sua morada. Exilado e anônimo, a palavra se revelou como o único meio de, a um só tempo, o homem e o escritor Jabès se lerem, se escreverem; se encontrarem. Ele se volta então para o livro, para a origem, para os cinco mil anos de história que se juntam à sua própria história pessoal. E assim começa a marcha pelo deserto: marcha do escritor, marcha da escritura, pois, enquanto se pergunta sobre a origem e o fim de tudo, sobre Deus e o absoluto, sobre a memória e o esquecimento eternos, E. Jabès questiona também o fundamento, os limites e as possibilidades da escritura.

Se a escritura o levou a compreender o judaísmo, este estará, a partir de determinado momento, indissociavelmente ligado à sua reflexão e experiência escritural, estabelecendo um diálogo onde estes dois elementos se alimentam e se justificam, se escrevem e se apagam. Através das questões que se justapõem ao longo de sua obra, E. Jabès reflete sobre sua condição de duplo exílio: exilado enquanto escritor e exilado enquanto judeu. Exílio fundante e que caracteriza a ele e à sua obra, é um elemento chave que serve de elo e matriz de seus dois grandes pólos de atração: o deserto e o livro.

Para Jabès, “todo escritor é, de uma certa maneira, um exilado”⁽¹⁾. Onde reconhecer este exílio? Antes de tudo, na necessidade que tem o escritor de sair de suas certezas e lançar-se ao risco, à margem que marca, mancha, e machuca. “*Où le risque est absent, il ne peut y avoir écriture*”⁽²⁾. A escritura então se funda no risco, na ferida, na morte: “*Toute rupture est blessure. Je crois qu’il faut cette blessure pour écrire*”⁽³⁾. “*Toute écriture est d’abord blessure de sable*”⁽⁴⁾. Buscar a morte é buscar a origem da vida, assim como dar à vida vulgar um pouco de morte é fazer “com que ela viva em beleza”. Exilar-se da vida: paradigma do artista que, criando signos e, assim, instaurando mais uma vez a morte, cria também a possibilidade de perpetuação da vida. Pois, se

a presença do signo indica a ausência daquilo que ele representa, é ela também que libera a vida de sua condição de provisoriamente e a situa no domínio do eterno. “*L’écriture naît avec la mort et, pourtant, elle est cheminement de vie*”⁽⁵⁾. Assim, somente através da morte pode a vida, ao invés de perecer, permanecer. “*Le vocable ne peut vivre que dans la mort*”⁽⁶⁾. Jabès, portanto, quando fala do exílio de todo escritor, se refere a estas duas básicas experiências de morte que fundam a escritura e mesmo a arte em geral: de um lado, o seu próprio exílio pessoal da vida, pois, para criar, tem que renunciar ao mundo referencial para construir um universo paralelo de signos. De outro, são estes mesmos signos que, substituindo a vida, lhe dão sobrevida, injetando-lhe uma luz nova e brilhante.

Mas, além de escritor, é como judeu que Jabès sofrerá um outro exílio, fundamental no desenvolvimento de sua obra a partir de 1957. Em entrevista feita em 1981 ele afirma:

1 *Entretiens avec Le Monde – 2. Littératures*, Paris, Editions La Découverte et Journal Le Monde, 1984, p. 103.

2 E. Jabès, *EI*, in *Les Lettres Nouvelles*, nº 3, 1973, p. 8.

3 *Entretiens avec Le Monde*, p. 103.

4 E. Jabès, *Aely*, Paris, Gallimard, 1972, p. 130.

5 *Idem*, *Ibidem*, p. 113.

“... ma langue était devenue doublement mon pays puisque moi-même, débarrassé de toutes contingences sociales, je ne me reconnaissais plus que comme écrivain. Vivre pleinement et simultanément ces deux conditions me paraissait primordial”⁽⁷⁾.

Agora errante, sem ponto fixo, é no livro que ele concentra seu olhar questionador. Livro quase volátil, que se dobra sobre si mesmo, que se transforma ao soprar de cada vento, exatamente como a areia do deserto que deixou no Egito e ao qual volta insistentemente. Sem morada, é o não-lugar do livro que se torna o seu verdadeiro lugar-livre: “*lieu de tous les lieux*”⁽⁸⁾. E com o livro, pelo livro, ele então se reconhece como judeu, como mais um dessa tradição secular baseada no Livro.

Como se sabe, a *Bíblia* é a revelação da palavra divina, a expressão de Sua Vontade e de Sua Lei. Sobre ela se estrutura o povo judeu, nela está o sentido de sua memória. Espalhados pelo mundo, falando línguas diferentes, os judeus se unem e se identificam pela *Bíblia*. No entanto, se este processo permanece por séculos, isto não significa que a relação do judeu com o Livro seja de aceitação passiva, acrítica e inquestionável. Muito ao contrário, ela é caracterizada pelo diálogo, onde o livre-arbítrio do homem se impõe, interagindo dialeticamente com a norma revelada. Não há destino, assim como os gregos o concebem: há, sim, uma marcha em que os homens se fazem homens com a realização de seus atributos divinos e Deus se faz Deus em sua imanência sobre os homens. Há um percurso em que, voluntariamente, cada geração decide renovar a Aliança com Deus, momento em que a liberdade humana se encontra com a vontade divina.

É, portanto, no Livro sagrado que se fundamenta a religião e a cultura judaica. Livro único, “O” Livro, ele contudo se multiplica em vários livros, aberto que está ao trabalho do tempo e de todas as suas transformações. Pois, se a tradição judaica cultiva o texto, as palavras e as letras, sabe que o livro é infinito, assim como o é a sua interpretação. Ao Livro único a tradição tratou então de acrescentar inúmeros livros que se propõem a explicá-lo, outros mais que interpretam estes últimos e assim sucessivamente, numa cadeia interminável que perdura até hoje. Crescem os significados, proliferam as perguntas, reforça-se o diálogo com o Livro, marcado na língua hebraico-bíblica pela recorrência do “Eu” e do “Tu”, tão caros à teoria dialógica de Martin Buber. Mas se este diálogo se estabelece é porque, como afirma Walter Rehfeld, “só pode dialogar quem desfrutar de uma certa autonomia, jamais o que está completamente predeterminado”⁽⁹⁾. O livro não está terminado; o mundo ainda está se fazendo; o ser é em processo de permanente devir: a criação divina está sempre em curso, em constante transformação.

“*Le temps est affirmation – confirmation de ce qui est –; l’éternité, négation.*”

Dieu est dans le temps et n’est pas dans l’éternité”⁽¹⁰⁾.

Para compreendermos a experiência de tempo expressa na *Bíblia* e também a obra de Edmond Jabès – com suas constantes indagações e reescrituras – é essencial que compreendamos o caráter dinâmico da realidade divina e de sua criação. Talvez seja justamente esta mutabilidade permanente que permite o questionar ilimitado do povo judeu, presente na multiplicação de livros que, paradoxalmente, trairiam a unicidade do grande Livro. Para Jabès, “*le juif a choisi de vivre et de périr dans le livre, par le livre. Son destin se confond avec celui du livre*”⁽¹¹⁾, pois “*vingt siècles d’errance ne peuvent trouver asile que dans une parole*...”⁽¹²⁾. Mas este livro é um livro que jamais termina, um livro que precede e que segue a si próprio, que se apaga e se reescreve, que questiona a sua origem e o seu futuro, garantindo o seu perpétuo caminhar.

“– *La question du livre est-elle question du chemin?*
– *La question toujours précède la question*”⁽¹³⁾.

Indagado sobre esta suposta infidelidade do escritor judeu ao Livro único, Jabès argumenta que “*le livre unique est le livre qui est dans le livre. Livre que nous essayons de décrypter en écrivant*”⁽¹⁴⁾. É a partir deste necessário trabalho de decifração que sua escritura se apresenta como perguntas que vão se transformando e se justapondo uma sobre as outras, enquanto cada vocábulo também explica e apaga o precedente, numa sucessão de anagramas, aliterações e paranomásias que enchem de vida as palavras profanas de que ele faz uso para reescrever a lei. Exilando-se do texto aparente ele tenta

6 *Entretiens avec Le Monde*, p. 100.

7 E. Jabès, *EI*, in *Les Lettres Nouvelles*, nº 3, 1973, p. 16.

8 *Idem*, *ibidem*, p. 12.

9 Walter Rehfeld, *Tempo e religião*, São Paulo, Perspectiva-Edusp, 1988, p. 165.

10 E. Jabès, *Aely*, p. 96.

11 *Entretiens avec le Monde*, p. 104.

12 E. Jabès, *EI*, p. 22.

13 *Idem*, *Aely*, p. 70.

14 *Entretiens avec Le Monde*, p. 103.

chegar à Verdade perdida. Em “*oeil*” ele encontra “*Loi*”; em “*Dieu*” ele vê “*D’yeux*”; em “*seuil*” ele acha “*sol*” e “*ciel*”. Para reaceder à Lei ele tem que reescrevê-la a cada dia, pois todo dia é dia de provação, e é a manutenção da pergunta que permite manter, por sua vez, a memória e a descoberta:

“Livre, objet d’une inépuisable recherche; n’est-ce pas ce que voit la tradition juive dans le Livre?”⁽¹⁵⁾

“L’essentiel nous aura été, au paroxysme de la crise, de préserver la question”⁽¹⁶⁾.

O povo eleito por Deus é também o povo do Livro. Por este livro, pelas letras do nome de Deus, inalcançável e impronunciável, ele foi perseguido e exilado. Mas foi também através de seu elo indissolúvel com o Livro que ele construiu sua unidade e identidade enquanto povo. Fonte de tristeza e de esperança, o Livro surge como a identidade encontrada após quarenta anos no deserto. “*Le Temple fut bâti dans le Livre*”⁽¹⁷⁾. Jabès, como judeu, escritor e exilado, sustenta que o exílio faz parte da natureza deste elo com o livro, que é na errância, no vagar pelo deserto, que o livro persiste como verdadeiro lugar do judeu. Sempre se refazendo, o livro, assim como o exílio, nunca acaba, e esse perpétuo reescrever-se é a garantia de sua permanência. “*Avoir un lieu pour le juif, c’est achever le livre. Le livre inachevé fut notre survie*”⁽¹⁸⁾. Assim, “*lieu*”, “*lien*” e “*livre*” são termos que se entrelaçam e se definem reciprocamente, compondo, juntamente com “*exil*”, a essência do “estar-no-mundo” judeu.

Jabès, portanto, sem morada, assume a escritura como busca da Verdade, como sua própria identidade e a de um povo que tem no livro o único lugar que lhe pertence e ao qual pode pertencer. Em *Aely* podemos ler:

“Je le répète. Le signe est juif.

Le vocable est juif.

Le livre est juif.

Le livre est fait de juifs;

car le juif, depuis des millénaires, s’est voulu signe, vocable, livre. Son écriture est errance, méfiance, attente, confluence, blessure, exode, exil, exil, exil”⁽¹⁹⁾.

Com um olhar sgnico sobre o deserto, onde os limites e o ilimitado se confundem⁽²⁰⁾, ele vê crescendo, no silêncio de sua solidão, todas as palavras, páginas e livros que incessantemente remontam à sua origem e resgatam uma memória antes ignorada. Na areia movente do deserto se move a sua escritura e segue o rumo da sua história, num tempo dinâmico onde não há passado, presente ou futuro, mas, como no hebraico-bíblico, um imperfectivo, de um processo incompleto, ainda (e sempre) em curso. No deserto ele encontra o livro. No deserto e no livro ele se encontra. Entre estes dois pólos ele caminha com suas questões, sabendo que é lá, no abismo da vida e da morte, que se encontra a Luz.



15 E. Jabès, *Aely*, p. 57.

16 Idem, *EI*, p. 25.

17 Idem, *Aely*, p. 121.

18 Idem, *ibidem*, p. 139.

19 *Entretiens avec Le Monde*, p. 105.

20 E. Jabès, *ibidem*, p. 114.